

Masculino, feminino ou neutro?

A prática tradutória e as questões de gênero

Ticiano Jardim Pimenta
Universidade de Franca
ticiano_pimenta@hotmail.com

Maria Flávia Figueiredo
Universidade de Franca
mariaflaviafigueiredo@yahoo.com.br

Resumo

A atividade tradutória existe desde os primórdios das civilizações e, nessa prática, os tradutores sempre enfrentaram situações adversas no campo da tomada de decisão. As escolhas feitas por esses profissionais, seja no momento da tradução de simples textos, seja durante a produção de versões de documentos oficiais, são fundamentais nos processos de comunicação humana. Com a ascensão de movimentos sociais que emergiram a partir da década de 1960 e que, grosso modo, questionam a perspectiva binária da sexualidade humana, o tradutor enfrenta percalços no tocante à tradução de denominações relativas a gênero nas línguas. Este artigo parte do pressuposto que, em muitas línguas (como no português), o sexo biológico não fundamenta o escopo do gênero como uma categoria linguística; já, em outras (como o inglês), o sexo é fator predominante na sua marcação. Nesse contexto, tem-se como objetivo levantar pontos de vista sobre as dificuldades existentes na tradução de textos de língua inglesa para portuguesa (ou vice-versa) no que tange a problemática de gênero. Valendo-se de uma metodologia exploratória-comparativa e de um arcabouço teórico fundamentado em teorias sobre tradução e relativas a gênero, espera-se que este texto forneça subsídios para aqueles que se lançam aos desafios da prática tradutória.

Palavras-chave: Tradução; Gênero; Estrutura das Línguas; Inglês; Português.

Abstract

Translation activity has existed since the dawn of civilization and, in this practice, translators have always faced adverse situations in the field of decision-making. The choices made by these professionals, whether when

translating simple texts or during the production of versions of official documents, are fundamental in the processes of human communication. With the rise of social movements that emerged from the 1960s onwards, which roughly challenge the binary perspective of human sexuality, the translator faces mishaps regarding the translation of gendered-related denominations into languages. We assume that, in many languages – like Portuguese –, biological sex does not base the scope of gender as a linguistic category, while, in others – such as English –, sex is a predominant factor in its marking. In this context, the present article aims at raising points of view on the difficulties in the translation of texts from English to Portuguese (or vice versa) regarding gender issues. Using an exploratory-comparative methodology and a theoretical framework based on translation and gender-related theories, we hope that this article will provide support for those who embark on the challenges of translation practice.

Keywords: Translation; Gender; Language Structure; English; Portuguese.

1 Introdução

A era digital e a globalização afetam basicamente todos os aspectos da vida humana. A velocidade e o alcance das informações influenciam diretamente a atividade tradutória na medida em que os textos produzidos a partir de originais chegam a diversos leitores de que, com suas subjetividades e experiências de vida, os interpretam e expressam suas opiniões à sua maneira nos meios de comunicação ou, mais especificamente, nas redes sociais. Assim, as escolhas efetuadas pelos tradutores ao traduzir ou verter textos são postas à prova por públicos muito distintos e, por essa razão, elas precisam ser feitas levando em consideração diversos pontos de vista e estratégias.

Os novos¹ movimentos sociais que ganharam visibilidade na década de 1960, mais nomeadamente os movimentos feministas, homossexual e, de forma mais radical, *queer* (ou dissidência de gênero) trouxeram à tona questionamentos sobre “a imposição de modelos de

¹ No livro *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*, Miskolci (2017) explica por que esse adjetivo é apenas parcialmente adequado para se referir aos movimentos sociais que ganharam visibilidade na década de 1960, uma vez que, em certa medida, são desconsiderados os movimentos feministas da chamada “primeira onda” e os movimentos abolicionistas iniciados em países como Brasil e EUA.

como ser homem ou mulher, masculino ou feminino, hétero ou homossexual”. (MISKOLCI, 2017, p. 12). Esses movimentos sociais, ainda que muito distintos em suas demandas, provocaram mudanças profundas na sociedade no que tange à forma como entendemos a sexualidade, o gênero, os sujeitos e seus corpos. Consequentemente, a língua e a linguagem não escaparam a essa tendência questionadora.

Nesse universo, surgem algumas problemáticas para o tradutor: o gênero nas línguas naturais está relacionado com o sexo biológico do senso-comum ou com o de determinados movimentos sociais? O que deve ser levado em consideração pelo tradutor em sua tomada de decisão ao traduzir ou verter a classe nominal gênero nas línguas inglesa/portuguesa?

Valendo-nos de uma metodologia exploratória-comparativa, de teorias sobre tradução, da estrutura das línguas e das demandas dos movimentos sociais, este artigo intenta abordar alguns pontos de vista sobre gênero nas línguas naturais, mais especificamente em inglês e português, buscando levantar algumas reflexões que envolvem a atividade tradutória nessa questão tão relevante para a sociedade contemporânea. Sem a intenção de esgotar o assunto, esperamos que a discussão aqui desenvolvida possa auxiliar os tradutores em seu ofício e trazer reflexões pertinentes para aqueles que se interessam pelo tema.

1.1 Perspectivas sobre a atividade tradutória

Desde antes do surgimento da escrita, diversas civilizações já reconheciam a existência de inúmeros povos e, portanto, suas diversas línguas naturais. Dessa forma, era imprescindível a mediação no processo de comunicação entre eles: “As pessoas têm traduzido desde época imemorial. [...], os tradutores serviam como elos vitais na vasta cadeia de transmissão do conhecimento entre sociedades separadas por barreiras linguísticas” (DELISLE; WOODSWORTH, 1998, p. 9).

Com a escrita veio a possibilidade do registro, ou seja, os seres humanos puderam passar adiante seus conhecimentos de forma documental, e não apenas oral. Consequentemente, criou-se a demanda por aqueles que soubessem adequadamente trazer os significados de um determinado sistema linguístico para outro(s). Campos (1986, p. 15-16) aponta que, mesmo antes da Era Cristã, diversos povos dispunham de indivíduos que se dedicavam à atividade tradutória (egípcios,

abilônios, assírios etc.), seja nas comunicações oficiais dos governantes, seja na leitura de textos sagrados ou literários.

Delisle e Woodworth (1998, p. 9) reforçam essa afirmação ao postular que:

Desde que os primeiros homens utilizaram a escrita, os tradutores têm construído pontes entre nações, raças, culturas e continentes. E também entre passado e o presente, porque os tradutores podem abranger o tempo e o espaço. Foram eles que permitiram que certos textos importantes – obras científicas, filosóficas e literárias – adquirissem estatura universal. (DELISLE; WOODWORTH, 1998, p. 9)

Os tradutores exerceram significativo impacto na invenção dos alfabetos; na constituição e desenvolvimento das línguas nacionais; na emergência, universalização e transmissão das literaturas, das religiões e de valores culturais; e tiveram (ainda têm) relação direta com o poder. (DELISLE; WOODSWORTH, 1998). Sendo assim, podemos concluir que falar sobre tradução é, de certa forma, falar sobre a própria história humana.

Depois que a escrita começou a ser incorporada e utilizada pelos povos, as traduções tornaram-se mais necessárias. Deu-se espaço para discussões acerca da melhor forma de traduzir, que perduram até a contemporaneidade. Essa concepção que permeia a idealização da tradução, genericamente, relaciona-se à noção de fidelidade, tanto em forma quanto em conteúdo, ao texto original, bem como ao papel que o tradutor deve exercer na prática tradutória.

Uma vez que este artigo não tem o objetivo de compilar as inúmeras teorias tradutórias que surgiram ao longo da história da humanidade, vamos abordar apenas a perspectiva proposta por Mittmann (2003) para ilustrar, de maneira sucinta, como é entendida teoricamente a atividade tradutória. Segundo a autora, existem duas perspectivas de tradução: a tradicional e a contestadora. Na primeira, há uma valorização do texto e da língua em detrimento das especificidades subjetivas do tradutor:

Parece que é apenas sobre o texto e a língua que o teórico da tradução deve trabalhar buscando soluções e fazendo análises. Como se o texto e a língua fossem baús capazes de

guardar o sentido, a mensagem, o conteúdo, ou a informação. E como se o sentido fosse universal, possível de ser transferido de uma língua para outra, de um texto para o outro. Nem se cogitam as *condições de produção*. (MITTMANN, 2003, p. 23, grifos nossos).

Em contrapartida, a perspectiva contestadora (como o próprio nome sugere) busca opor-se à ideia de que o tradutor não pode, nem deve, ter voz ativa na tradução, ou seja, como se tivesse que ser totalmente neutro e procurar transmitir de forma *fidel* o sentido do texto original:

Há, portanto, uma grande divergência entre a concepção contestadora e a concepção tradicional, sobretudo no que se refere ao modo de considerar-se o tradutor – de mero instrumento de transporte, sem direito à voz, a produtor do texto da tradução – e quanto ao sentido – da idealização do transporte asséptico à efetiva interpretação particular, que é determinada por fatores externos. (MITTMANN, 2003, p. 34, grifos da autora).

Para além dessa discussão, é imperioso reconhecer que a tradução envolve basicamente três elementos interacionais interdependentes e indissociáveis, a saber: o autor, o texto e o leitor. Em outras palavras, ao formular um texto a partir do seu original, o tradutor deve levar em consideração quem o produziu, a forma e o conteúdo da produção e qual será o público que disfrutará dessa tradução. Trata-se, portanto, de um processo complexo que implica escolhas fundamentadas nas características extrínsecas e intrínsecas dessas três instâncias.

Sobre essa questão, Arrojo (2000, p. 76), que se enquadra na perspectiva contestadora da atividade tradutória, afirma que “ao considerarmos a tradução uma atividade essencialmente produtora de significados, e ao considerarmos o trabalho do tradutor pelo menos tão complexo quanto o do escritor de textos ‘originais’, fica evidente que não pode haver fórmulas mágicas nem atalhos fáceis para se [...] traduzir”.

Ademais, a autora enfatiza que o tradutor, além de “dominar as línguas envolvidas no processo”, deve necessariamente “aprender a

‘ler’”, ou seja, “aprender a produzir significados, a partir de um determinado texto, que sejam ‘aceitáveis’ para a comunidade cultural da qual participa o leitor”. (ARROJO, 2000, p. 76).

Parece-nos, então, pertinente afirmar que essa perspectiva contestadora da tradução pode ter muito mais a contribuir em um mundo onde os significados e os sentidos dos textos são amplificados, reproduzidos e compartilhados em alta velocidade pelas redes sociais. Isso, porque a análise atenta das condições de produção, das características do autor e do público que terá acesso à obra em determinada língua pode auxiliar em uma escolha mais cuidadosa de quais as estratégias e procedimentos tradutórios melhor se adequam a cada caso. Em contrapartida, conceber o texto como o receptáculo-gerador máximo de um sentido universal passível de ser transferido de uma língua para a outra pode reduzir o leque de opções do tradutor em sua tomada de decisão.

Seja qual for a perspectiva adotada pelo tradutor, problemáticas relacionadas à questão do gênero sempre estarão implicadas em seu trabalho. Acerca dessa questão, discorreremos no próximo item.

2 A questão do gênero no processo tradutório

Barbara Pettersson (2011, p. 58, tradução nossa), ao refletir sobre os diferentes aspectos do gênero na cultura e na linguagem, recorda que “o termo ‘gênero’, suas relações com gênero natural e a questão da arbitrariedade de gênero enquanto categoria linguística e problemas relacionados têm sido discutidos desde Aristóteles”². Dentro do campo da Linguística, a questão do gênero é um tema recorrente em diversos segmentos de estudo, tais como na sociolinguística, na “aquisição e processamento de gênero”, na “tipologia dos sistemas de gênero” e “nos estudos diacrônicos sobre desenvolvimento e perda dos sistemas de gênero” (cf. CARVALHO 2018, p. 636). Assim, não é de se estranhar que os estudos em tradução também se debruçam sobre o tema.

² “The term ‘gender’, its relations to natural gender, and the question of arbitrariness of gender as a linguistic category and related problems have been discussed since Aristotle”.

Como citado anteriormente, as demandas dos movimentos sociais emergentes da década de 1960 trouxeram novas perspectivas para diversas áreas do conhecimento. Os estudos sobre tradução seguiram essas tendências e, como alega Pettersson (2011, p. 61-62, tradução nossa), têm focado suas análises em:

- 1) Como o gênero do autor afeta o texto de origem?
- 2) Como o gênero do autor influencia nas decisões sobre quais textos valem a pena ser traduzidos?
- 3) Como o gênero do tradutor ou sua “identidade de gênero” afeta a estratégia de tradução?
- 4) Existem relações entre questões pós-coloniais e questões relacionadas a gênero (linguagem majoritária vs. minoritária)?
- 5) Como processar as complexidades de gênero específicas de uma cultura e de uma linguagem na tradução?³

Observamos que os campos de investigação são amplos e diversos. Especificamente para este artigo, a questão número 5 é a mais relevante, pois – “considerando que a maioria das pesquisas feitas em relação a gênero na tradução trataram especificamente da questão da identidade de gênero dos tradutores e seu efeito na tradução” e que “pouco se sabe sobre possíveis escolhas, estratégias ou razões que envolvem o processo de tradução em situações nas quais existem discrepâncias linguísticas ou culturais de gênero entre as duas línguas envolvidas”⁴ (KAROUBI, 2009, p. 65 e 73, tradução nossa) – é

³ “1. How does the gender of the author affect the SL-text? 2. How does the gender of the author influence decisions about which texts are worth translating? 3. How does the gender of the translator, or her/his ‘gendered identity’ affect the translation strategy? 4. Are there parallels between post-colonial issues and gender-related issues (minority vs. majority language)? 5. How to render culture-specific and language-specific gender complexities in translation?”.

⁴ “Whereas most of researches done regarding gender in translation have dealt specifically with the issue of the translators’ gender identity and its effect on their translations” e “Little is known about possible choices, possible strategies, or possible reasons involving in the process of translation in

extremamente relevante abordar questões sobre como aspectos linguísticos do gênero em si são produzidos e traduzidos. Contudo, antes de analisar essas questões nas línguas inglesa e portuguesa, faremos algumas considerações pertinentes a gênero, tanto como categoria linguística como categoria sociocultural.

2.1 Perspectivas linguísticas

Pettersson (2011, p. 58, tradução nossa) afirma que “o termo linguístico ‘gênero’ é original, mas não diretamente relacionado à categoria de sexo biológico”⁵. A autora também pontua que:

Não há línguas naturais em que as relações entre o gênero (ou ‘classe’) de um substantivo e o sexo biológico do referente do substantivo sejam exatas; contudo, o papel da distinção biológica masculino/feminino desempenha certa função na atribuição do gênero gramatical em todas as línguas que apresentam diferença de gênero^{6,7}(PETTERSSON, 2011, p. 58, tradução nossa).

situations in which there are linguistic or cultural gender discrepancies between the two languages involved”.

⁵“*The linguistic term ‘gender’ is originally not directly related to the category of biological sex”.*

⁶As gramáticas em geral não pontuam essas observações e costumam ser taxativas e até mesmo reducionistas em suas explicações sobre gênero. Por exemplo, no livro *A Practical English Grammar* lê-se que “Os gêneros ingleses são extremamente simples, [...] Homens, meninos e animais machos são masculinos. Mulheres, meninas e animais fêmeas são femininos.” (THOMPSON; MARTINET, 1969, p. 7, tradução nossa). “*English genders are extremely simple, [...] Men, boys and male animals are masculine. Women, girls and female animals are feminine”.*

⁷“*There are no natural languages where the relations between the gender (or ‘class’) of a noun and the biological sex of the noun’s referent are exactly one-to-one; however, the role of the biological male/female distinction plays a certain role in assignment of grammatical gender in all languages that display gender difference”.*

Essas afirmações vão ao encontro do que alega Câmara Jr. (2004, p. 87) quando assinala que, a partir de uma perspectiva “à maneira de um pansexualismo freudiano” e “de uma incompreensão semântica”, a atribuição e a marcação de gênero é exposta de forma “incoerente e confusa [e simplista] nas gramáticas tradicionais do português”. Dessa forma, dentro de um entendimento linguístico, pode-se afirmar que o gênero gramatical não se limita à noção de sexo biológico, como é comumente vinculada pelo senso comum ou por muitas gramáticas normativas.

Seja como for, um traço pertinente, destacável e característico do gênero (ou classe nominal) nas línguas naturais diz respeito à sua qualidade contrastiva, ou seja, uma de suas funções primordiais é fazer uma distinção semântica (KOLODNY, 2016). Propriedades como masculino/feminino/neutro e animado/inanimado estão intimamente relacionadas à sua atribuição e conseqüente marcação de gênero nas línguas. Contudo, os gêneros também podem ser atribuídos de maneira arbitrária⁸, ainda que não aleatória⁹, ou seja, não são consideradas as propriedades semânticas previamente mencionadas em sua distribuição. Em última análise, “a atribuição de gênero, portanto, opera em duas dimensões: gênero atribuído de acordo com algumas propriedades naturais/semânticas do mundo real; ou gênero atribuído arbitrariamente”. (CARVALHO, 2018, p. 637).

Ervin (2015, p. 253), após discorrer sobre como ocorrem as generalizações semânticas no nível psicológico, pontua que fazemos atribuições de gênero pelo critério do sexo biológico “apenas no nascimento ou com animais”:

Na maioria das vezes, julgamos o sexo humano com base em contrastes secundários e correlacionados de forma imperfeita, como tamanho, tipo de roupa, estilo de cabelo e voz. Finalmente, a experiência cultural e a prática verbal diferenciam os sexos e os substantivos masculinos ou

⁸A título de exemplo, Carvalho (2018) cita a diferença de gênero observada na palavra “manhã” nas línguas portuguesa (feminino), francesa (masculino) e russa (neutro).

⁹Pettersson (2011) menciona algumas pesquisas que demonstram que a atribuição de gênero depende tanto de questões morfo-fonológicas quanto semânticas.

femininos que se referem a eles. Podemos, portanto, esperar encontrar três bases diferentes para significados que possam ser generalizados: (a) simbolismo sexual associado a diferenças anatômicas ou relações sexuais; (b) propriedades físicas que variam em sua correlação com o sexo, como tamanho; (c) associações culturais como contrastes de beleza, lentidão, preguiça e estabilidade. (ERVIN, 2015, p. 253).

De qualquer maneira, a questão do gênero não pode ser analisada somente por seu viés linguístico, pois suas concepções e relevância extrapolam essa esfera e atingem outras áreas do conhecimento.

2.2 Perspectivas socioculturais

O termo gênero nas ciências sociais “*grosso modo*, se refere à construção social do sexo” e “apóia-se (sic) na idéia (sic) de que há machos e fêmeas na espécie humana, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é condição realizada pela cultura”. (HEILBORN, 1994, p. 1, grifo da autora). Nessa perspectiva, essa concepção, estimulada pelas críticas feministas, “representou um avanço” (1994, p. 1), pois foi de encontro aos papéis sociais cristalizados e caracterizados a partir de diferenças anatômicas dentro da dicotomia homem/mulher.

Com o avanço dos estudos feministas somado às contribuições de teóricos *queer*, a correlação entre gênero e os dois sexos biológicos foi cada vez mais contestada. Começou a se questionar como e em que medida o gênero era moldado pela língua; como o conceito muda de geração para geração, entre classe social, étnica, religiosa; e, especialmente, pelo fato de que o conceito de gênero não poderia ser restrito à dualidade homem/mulher, pois deveriam ser levadas em consideração as dissidências de gênero. (PETTERSSON, 2011). Dessa forma, podemos observar que, mesmo socioculturalmente, o gênero não corresponde fielmente à noção de sexo biológico. Os reflexos dessa aporia no trabalho do tradutor serão abordados a seguir.

3 A problemática do gênero no processo tradutório em inglês/português

Há línguas em que a classe nominal ‘gênero’ é marcada em praticamente todas as palavras de uma sentença e há outras em que a marcação é muito esparsa (CARVALHO, 2018). Um exemplo desse segundo tipo é a língua inglesa, cuja atribuição e marcação de gênero é relativamente simples: “o gênero em inglês aplica-se somente a pronomes específicos, em que as categorias masculino/feminino e animado/inanimado podem ser aplicadas”.¹⁰(LEECH; SVARTVIK, 1992, p. 230, tradução nossa).

Assim, os adjetivos, os artigos e os substantivos – com exceção de alguns poucos terminados com a partícula – *ess* – não recebem marcação de gênero. Ademais, os pronomes funcionam como marcadores que resgatam ou substituem o gênero dos substantivos que referenciam da seguinte maneira: “*He* (*him, his, etc.*) refere-se a uma pessoa do sexo masculino (ou animal). *She* (*her, etc.*) refere-se a uma pessoa do sexo feminino (ou animal). *It* (*its, etc.*) refere-se a um objeto inanimado (ou animal). *They* (*them, etc.*) refere-se a tudo que esteja no plural”¹¹. (LEECH; SVARTVIK, 1992, p. 56, grifos dos autores e tradução nossa).

Em contrapartida, a língua portuguesa apresenta uma complexa estrutura de atribuição, concordância e marcação de gênero que, diferentemente da inglesa, não faz distinção quanto à animacidade dos referentes (animado/inanimado); apenas distingue entre dois gêneros possíveis: masculino e feminino. Assim, a marcação de gênero incide sobre: “Artigos definidos e indefinidos [...], adjetivos [...], quantificadores e outros pronomes indefinidos [...], pronomes possessivos, demonstrativos e interrogativos [...], os dois primeiros números cardinais e todos os ordinais [...], e semi-predicados”. (CARVALHO, 2018, p. 639).

¹⁰ “*Gender in English applies strictly only to certain pronouns, where the categories masculine/feminine and personal/non-personal can apply*”.

¹¹“*He* (*him, his, etc*) *refers to a male person (or animal)*. *She* (*her, etc*) *refers to a female person (or animal)*. *It* (*its, etc*) *refers to an inanimate thing (or an animal)*. *They* (*them, etc*) *refers to anything plural*”.

Essas observações sobre marcação de gênero são muito relevantes para o processo tradutório e trazem inúmeras problemáticas, especificamente no que tange à tradução do par de línguas inglês/português. Uma delas relaciona-se com a questão de animacidade previamente mencionada. Como não há distinção entre animado/inanimado em português, as traduções, especialmente as versões, podem representar um percalço ao tradutor. Para verter uma frase como “a lua não emite luz própria, ela reflete a luz do sol”, deve-se levar em conta que, por se tratar de um ser inanimado para o inglês, o pronome correto seria *it* e nunca *she*. Ainda que possa parecer uma associação simples, que poderia ser resolvida com uma análise de como os pronomes de língua inglesa marcam os substantivos de seus referentes, o tradutor pode cometer erros grotescos se essa diferença nas características semânticas de gênero entre as duas línguas mencionadas não for levado em consideração ou se decidir aplicar, em sua versão, a marcação de gênero relativa ao português.

Outra problemática, que tem implicações muito maiores e soluções nem tão óbvias como a anterior, relaciona-se com a associação entre gênero e papel social. Cada sociedade tem suas próprias expectativas sobre quais as características esperadas para a dualidade homem/mulher. Como alega Karoubi (2009, p. 69), citando Romaine (1999), os estereótipos associados ao masculino recaem sobre características como força e agressividade, enquanto aqueles associados ao feminino relacionam-se com passividade, por exemplo. Esses estereótipos ainda se conectam “com outras variáveis relevantes, tais como raça, classe, cultura, idade, contexto e assim por diante”¹². (KAROUBI, 2009, p. 69, tradução nossa).

Dessa forma, os estereótipos associados aos gêneros influenciam diretamente as expectativas dos papéis sociais que os indivíduos devem desempenhar. Por essa razão, algumas profissões, por exemplo, são estereotipadas como masculinas e outras, como femininas, o que tem grande implicação para o processo tradutório. No caso de textos de língua inglesa, que não tem marcação de gênero em seus substantivos, a atribuição dessa classe nominal depende diretamente de um contexto e de um referencial. Se ambos não forem passíveis de

¹² “*With other salient variables such as race, class, culture, age, context, and so forth*”.

interpretação pelo tradutor, ou seja, se o texto não contextualizar o gênero do referente e o tradutor for incapaz de contatar o autor do original, então, ele deve tomar uma decisão que, muito provavelmente, será baseada em considerações ideológicas fundamentadas nos “gêneros sociais” comuns à cultura do tradutor ou a do autor.

Há também obstáculos relacionados com o gênero gramatical das línguas. Para ilustrar essa problemática, Karoubi (2009) traz o exemplo de um poema citado por Nissen (2002). Vejamos:

*Que diabos faço aqui na Cidade da Luz,
Achando-me culta e viajada
Mas adiando a execução de uma
Sentença que caiu sobre mim?*¹³

Como podemos observar, a marcação de gênero nos adjetivos no segundo verso permite a dedução de que se trata de uma narradora. Se o tradutor deseja fazer uma versão para a língua inglesa, ele terá que acrescentar um nome, como *woman*, para referenciar o gênero da narradora ou correr o risco de essa informação ser perdida, privando o leitor de um sentido essencial do texto que, talvez, não poderia ser ignorado, pois faria parte do sentido global que o autor possível quisesse de transmitir.

Karoubi (2009) menciona que problemáticas semelhantes são observadas em todas as traduções que envolvem línguas que tem atribuição de gênero formais ou arbitrarias (português, por exemplo) e aquelas cuja atribuição é predominantemente baseada no sexo biológico (no caso, o inglês).

Por fim, muito pertinente para ambas línguas aqui analisadas, está a problemática da marcação de gênero em pronomes. Assim como o português, a língua inglesa utiliza-se do pronome masculino na terceira pessoa do singular (*he/ele*) e do plural (*they/eles*) para referenciar e generalizar substantivos que não têm seu gênero marcado

¹³ A fim de adaptar o exemplo de Nissen (2002 apud KAROUBI, 2009, p. 67) para os objetivos desse artigo, traduzimos o poema, que originalmente estava em espanhol, para o português. O texto original é: “*qué diablos hago aquí en la Ciudad Lux, // presumiendo de culta y de viajada // sino aplazar la ejecución de una // sentencia que ha caído sobre mí?*”.

ou o contexto não permite essa conclusão. Não há, portanto, em nenhuma das duas línguas, um pronome de gênero neutro na terceira pessoa seja do singular ou do plural. Diversos indivíduos, grupos e movimentos sociais têm questionado a qualidade “genérica” desses pronomes, argumentando que eles evocam tendências sexistas (cf. GASTIL, 1990).

Observa-se, portanto, uma tendência parecida nessas duas línguas: a busca por formas neutras para se referir a nomes que não têm seu gênero especificado.

No inglês, duas possibilidades têm sido discutidas¹⁴:

- 1) O uso do pronome *they* no singular como pronome genérico e neutro (procedimento de apropriação). Ex.: *A child is helpless, they always need care*¹⁵.
- 2) O uso de *ze* para se referir a terceira pessoa do singular de forma neutra (uso de neologismo). Ex.: *Ze doesn't like soccer*¹⁶.

As contestações mais comuns que recaem sobre essas alternativas são: o pronome *they*, mesmo no singular não se refere a um gênero neutro, pois remete à dualidade homem/mulher e, numa perspectiva mais purista, seu uso no singular seria agramatical; no caso do *ze* estão implicadas dificuldades de adaptação dos falantes nativos (cf. DEMBROFF & WODAK, 2018).

Em português, as estratégias que vêm sendo utilizadas são muito mais inconsistentes e caminham para uma tendência de se utilizar neologismos ou, mais precisamente, adaptar palavras. Argumenta-se pelo uso de um caractere (-@) ou de uma letra (-x) para substituir a marcação de gênero. Por exemplo: *tod@s/todxs*, *el@/elx*, etc. Além das questões gramaticais que essas possibilidades suscitam, temos uma questão muito mais prática em jogo: ambas as estruturas não possuem valor fonológico, ou seja, não são passíveis de serem pronunciadas. Dessa forma, representariam uma alternativa apenas parcialmente eficaz

¹⁴ Para uma discussão mais detalhada do assunto, conferir Dembroff & Wodak (2018).

¹⁵ Em tradução livre: Uma criança é incapaz, ele/ela sempre precisa de cuidado. Observe que *they* foi usado para substituir o pronome *he* em sentido genérico.

¹⁶ Em tradução livre: Ele/ela não gosta de futebol.

na criação de um gênero neutro em português, mas que tem relevância para a tradução por estar no plano escrito da língua.

Do ponto de vista linguístico, contudo, o uso genérico do pronome *ele* ou mesmo *eles* estaria relacionado com uma perspectiva masculina e, portanto, sexista da linguagem? Câmara Jr. (2004) alega que não. Como mencionamos anteriormente, ele propõe que o gênero linguístico não é determinado pelo sexo biológico, ainda que as vezes eles sejam coincidentes. Para o autor:

O mais que podemos dizer, porém, em referência ao gênero, do ponto de vista semântico, é que o masculino é uma forma geral, não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (*jarra* é uma espécie de «jarro», barca um tipo especial de «barco», como *ursa* é a fêmea do animal chamado *urso*, e *menina* uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de «menino»). (CÂMARA JR., 2004, p. 87, grifos do autor).

O tradutor pode basear suas escolhas nessa perspectiva de que o masculino representa o gênero “não-marcado” e, portanto, neutro da língua portuguesa. Porém, como pontua Gastil (1990, p. 632, tradução nossa), “um corpo de pesquisa substancial sustenta a hipótese que o genérico *ele* possui uma tendência masculina”¹⁷. A esse respeito, o autor conclui que: “resumindo as diferenças essenciais entre as condições dos pronomes, tanto para homens quanto para mulheres, *ele* produz imagens predominantemente masculinas com poucas imagens duais e poucas imagens de si mesmos”¹⁸. (GASTIL, 1990, p. 638).

A pesquisa do autor ainda contempla o uso de *he/she*, que, entre os homens, produz imagens da mesma forma que o *he* (predominantemente masculinas, incluindo muitas de si próprios, poucas duais e pouquíssimas femininas), mas, entre mulheres, há predominância de imagens femininas ou duais e relativamente poucas masculinas. Finalmente, no que tange o uso do pronome *they*, as

¹⁷ “A substantial body of research supports the hypothesis that the generic *he* possesses a male bias”.

¹⁸ “Summarizing the essential differences between pronoun conditions, for both men and women, *he* produces mostly male images with a few mixed images, scant female images, and few images of themselves”.

mulheres o concebem como genérico, produzindo imagens duais e um mesmo número de imagens femininas e masculinas. Para os homens, *they* é mais genérico que *he/she*, porém continua a suscitar pouquíssimas imagens femininas.

Essas pesquisas nos revelam que, apesar de, em muitas línguas (como no português, por exemplo), o sexo biológico não fundamentar o escopo do gênero como uma categoria linguística, em outras (como o inglês), o sexo é o fator predominante na atribuição e marcação de gênero. Esse fato, vai ao encontro das perspectivas socioculturais de gênero que também impactam o processo tradutório e, por essa razão, devem ser ponderadas.

Por meio dos exemplos mencionados, buscamos demonstrar que questões relacionadas ao gênero têm sido abordadas de diferentes formas nos estudos sobre tradução. É nesse sentido que analisar esse fenômeno com base em um escopo mais abrangente – que leve em consideração não apenas a tradicional abordagem linguística do fato, mas também os aspectos socioculturais e contextuais (no que se refere à produção e à recepção dos textos) – pode auxiliar o tradutor a tomar decisões pertinentes ao longo do processo tradutório.

4 Conclusão

Se o processo de globalização estreita os laços entre os povos e, conseqüentemente, entre as línguas, a atividade tradutória tem um peso e uma responsabilidade ainda maior do que tinha no passado. As escolhas efetuadas pelos tradutores, portanto, apesar de específicas para cada caso, dependem, como vimos, de contextualizações muito mais complexas. Sendo assim, esses profissionais devem se basear em estratégias fundamentadas em teorias e fazer suas escolhas com um discernimento cauteloso para que os sentidos globais dos textos não sejam ignorados ou perdidos. Também acreditamos que analisar somente as características do texto, tomando-o como centralizador do sentido, pode resultar em perda na amplitude e na dimensão de seus possíveis significados ou efeitos de sentido, fato que poderia ser superado se as especificidades do autor e do leitor fossem consideradas.

Neste artigo, buscamos elencar algumas problemáticas envolvidas na atribuição, na marcação e na tradução de gênero entre as

línguas portuguesa e inglesa que podem dificultar a atividade tradutória. Para isso, trouxemos à baila as seguintes questões: a animacidade; o gênero social e o gramatical e suas implicações para o processo tradutório; e a problemática do uso genérico de pronomes masculinos para referenciar substantivos cujo gênero não é passível de dedução, seja pelo contexto ou pela marcação.

Dessa maneira, esperamos que as discussões aqui suscitadas possam fomentar reflexões no que se diz respeito à marcação de gênero, especialmente entre as línguas inglesa e portuguesa, fazendo com que suas tomadas de decisão sejam fundamentadas em estratégias pertinentes.

Referências

ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. São Paulo: Vozes, 2004.

CAMPOS, Geir. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense S.A., 1986.

CARVALHO, Daniel. O traço de gênero na morfossintaxe do português. **Delta**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 635-660, jun. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502018000200635&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 mai. 2019.

DELISLE, Jean; WOODSWORTH, Judith. **Os tradutores na história**. Tradução Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1998.

DEMBROFF, Robin; WODAK, Daniel. He/She/They/Ze. **Ergo**, v. 5, n. 14, p. 371-406, 2018. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/DEMH-3.pdf>>. Acesso em: 20 mai.. 2019.

ERVIN, Susan M. The connotations of gender. **Word**, Londres, v. 61, p. 249-261, dez. 2015. Disponível em:

Masculino, feminino ou neutro?...

<https://www.tandfonline.com/loi/rwr20?close=61&year=2015&repetition=0#vol_61_2015>. Acesso em: 20 mai. 2019.

GASTIL, John. Generic pronouns and sexist language: the oxymoronic character of masculine generics. **Sex roles**, v. 23, p. 629-643, dez. 1990. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007%2FBF00289252#citeas>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando?. **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/de%20que%20genero%20estamos%20falando.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2019.

KAROUBI, Behrouz. Gender and translation. In: Zainurrahman (Ed.). **The theories of translation: from history to procedures**. E-book. 2009. p. 65-75. Disponível em: <https://www.academia.edu/6271538/The_Theories_of_Translation_From_History_to_Procedures>. Acesso em: 20 mai. 2019.

KOLODNY, Rossana Saute. **Marcação de gênero e classe temática em português e em francês**. 2016. 64 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

LEECH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. **A communicative grammar of English**. Singapore: Longman Group Limited, 1992.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MITTMANN, Solange. **Notas do tradutor e processo tradutório: análise sob o ponto de vista discursivo**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

PETTERSSON, Barbara Gawrońska. In: SCHAB, Sylvia; SKRZYPEK, Dominika; ZBOROWSKI, Piotr (Eds.). **Folia scandinavica**

Ticiano Pimenta e Maria Flávia Figueiredo

posnaniensia. v. 12. Poznań: Adam Mickiewicz University Press, 2011.
p. 57-70.

THOMPSON, A. J.; MARTINET, A. V. **A practical English grammar**. 2. ed. Aylesbury: Oxford University Press, 1969.

Recebido em: 04/06/2019

Aceito em: 01/11/2019

Title: Masculine, feminine or neutral? Translation practice and gender issues